

# Eleições municipais: mudam os sacos, a farinha é a mesma

» JOSÉ NATAL  
Jornalista

Há quem diga, e são muitos, que eleições em São Paulo, para qualquer cargo, equivale a uma eleição nacional, uma disputa da maior importância. A maior e a mais importante cidade do país, e uma entre as maiores da América do Sul, carece de um quadro melhor qualificado para comandá-la, administrar seus passos e corrigir seus rumos. O gigantismo de São Paulo não pode, ou pelos menos não deveria, ser entregue a aventureiros sem propostas de trabalho, planos que beneficiem a comunidade ou lhes dê o mínimo de ações que sinalizem providências voltadas para saúde, segurança e melhor qualidade de vida.

Brasília não tem eleição municipal, o que, diga-se de passagem, é uma pena que assim seja. Não existe na constituição da capital um artigo que permita ao cidadão escolher seu prefeito, aquele que cuida dos interesses e direitos da comunidade. Geraldo Alckmin, hoje vice-presidente da República, em campanha para a Presidência do país em 2018, pregava que o que mais uma cidade precisa é de um prefeito. Aquele que conheça a comunidade, seus problemas, angústias e ideias que podem gerar soluções. Alckmin dizia que um prefeito já deve sair de casa de manhã anotando os problemas que vê pelo caminho que o leva à Prefeitura. Essa visão matinal dos problemas que afetam a cidade ajuda nos despachos burocráticos com assessores. Indica soluções.

Votar é importante, manifestar sua opinião sobre qualquer coisa faz bem ao ego, é saudável. E com essa sensação de vazio eleitoral, os moradores da capital do país ficam de olhos e ouvidos atentos, observando com atenção o dia a dia das eleições municipais Brasil afora. Sem o compromisso com o voto local, o cidadão e o mundo político do Distrito Federal sinalizam espanto e decepção com o que acontece nas eleições de outras cidades. Esse espanto ficou evidenciado na manifestação recente da ministra Cármen Lúcia, que preside o TSE, revelando sua preocupação e advertência sobre a onda de ataques pessoais e agressões físicas, onde candidatos e eleitores se atacam, deixando claro que, para muitos, a democracia e o bom senso ficam em segundo plano.

O que acontece na disputa pela Prefeitura de São Paulo resvala na selvageria e um elevado grau de irresponsabilidade de candidatos que buscam o voto a todo custo. Por ser São Paulo, pela grandeza que a cidade representa para o resto do país, a mídia nacional cuida, com profissionalismo e habilidade, de mostrar ao eleitor perfil, comportamento, projetos e planos que esses candidatos representam. O resultado desse trabalho, nos últimos dias, tem assustado o cidadão comum e as autoridades que cuidam dessa pauta. E, infelizmente, os principais concorrentes ao cargo, em muitos eventos, decepcionam até os mais experientes em campanhas passadas.

Ricardo Nunes, o atual prefeito que chegou ao cargo sem ter sido indicado pelo povo, parece liderar uma corrida ainda longe de se definir. Responde a acusações sérias e sem carisma algum que encante o eleitor que esperava mais. Tem, ao que parece, o apoio do ex-presidente Bolsonaro, que, para

muitos, mais atrapalha do que ajuda. Guilherme Boulos, apadrinhado de Lula, representa a esquerda e insiste no eterno discurso do tudo pelo social. Mas, para muitos, tem telhado de vidro, e a antes oratória popular parece perder a força.

O fator surpresa dessa eleição é o vendedor de ilusões chamado Pablo Marçal, que mais parece uma mistura de Bolsonaro com alguma coisa ainda mais ruim. Não cansa de dizer asneira e aposta na ingenuidade daqueles eleitores que votam por curiosidade, veneram um ridículo encantador de serpentes. Por fim, para nossa tristeza, a única cabeça jovem e progressista que ilustra esse cenário, Tábata Amaral se esforça e se empenha para mostrar que sabe que não tem chance, mas o que mais dói é ter a certeza de que, pelo rumo das coisas, sabe que vai perder, além da eleição, talvez a esperança.

Os mais experientes, aqueles calejados e habituados a conviver com disputas eleitorais em todos os segmentos, até que entendem, mas reprovam métodos fora de qualquer cartilha democrática. A eleição municipal é o primeiro passo, a primeira e mais importante sinalização do que poderá ser a

eleição para governadores e Presidência da República.

Toda disputa, eleitoral ou não, exige empenho, medidas muitas vezes severas e atitudes pouco convencionais entre os concorrentes. Mas disputa alguma dá ao cidadão o direito e amparo da lei para ofender, agredir fisicamente ou ainda insinuar calúnias e degradação moral.

Denunciar falcatruas e comprovar as denúncias faz parte do jogo eleitoral, e tem amparo na Constituição e na lei eleitoral. É desanimador, e perigoso, assistir ao festival macabro dessa eleição paulista e saber que qualquer que seja o eleito vai cair sobre ele a mancha do desatino de que participou, testemunhou ou foi conivente com tudo que a sociedade consciente reprovava e condena.

Em plena modernidade digital, com os avanços e conscientização da sociedade que busca sempre aprimorar e zelar pelo bem comum, tais candidatos injetam em todos uma ameaçadora dose de descrença e desânimo nos próximos passos do mundo político. Pena que seja assim. Muitos ainda conseguem mudar a embalagem, mas a farinha é a mesma de sempre.



## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Gaia, um planeta perdido em si mesmo

É certo que as estações do ano, assim como todos os fenômenos relativos ao comportamento atmosférico, sempre chamaram a atenção dos seres humanos que vieram, nas mudanças naturais, uma oportunidade e um aprendizado capazes de contribuir para sua sobrevivência sobre o planeta.

Infelizmente, toda essa atenção com os fenômenos naturais parece ter sido perdida, ou deixada de lado, ao longo da caminhada dos homens pela história. Com a revolução industrial e com o acelerado processo de urbanização mundo afora, a preocupação com a chamada meteorologia ficou a cargo dos especialistas. O homem do campo se servia dessas informações para cuidar do preparo da terra, da sementeira e da colheita.

O crescimento vertiginoso da população mundial e o consequente consumo e abuso dos recursos naturais levaram-nos ao ponto em que estamos e que pode ser resumido pelo alerta provocado pelas mudanças climáticas em âmbito planetário. Aqueles que cuidam desses estudos afirmam que, a partir do início deste século, inauguramos uma era classificada como antropoceno, ou seja, a era em que a humanidade passou a influir diretamente sobre os destinos da Terra.

Não por outra razão, dizem que a massa dos objetos construídos pela humanidade, chamada massa antropogênica, superou em peso a massa dos seres vivos, ou biomassa, pela primeira vez desde o surgimento do homem sobre o planeta. Isso sem contar a massa de lixo. Somando toda massa de plástico produzida até agora, seu peso é o dobro de todos os animais terrestres e aquáticos existentes.

Em 1900, o peso dessa massa antropogênica era apenas 3% do peso atual. Desde então, segundo a revista Nature, o peso vem dobrando a cada 20 anos. Essa massa, hoje, corresponde a impressionantes 30 gigatons, o que equivale a 30 bilhões de toneladas métricas. Segundo os cientistas, algo como se cada indivíduo reproduzisse o seu peso por semana.

Para o cientista holandês e prêmio Nobel de química em 1985, Paul Crutzen, o antropoceno, que segue ao holoceno, é uma nova era geológica, caracterizada pelo impacto do homem sobre o planeta. E pensar que todo o crescimento dessa massa antropogênica se deu durante o século 20, especialmente depois da Segunda Grande Guerra.

Para um pequeno planeta como nosso, que hoje é visto como um verdadeiro ser vivo solto no espaço e que alguns chamam de Gaia, ou Mãe Terra, os efeitos trazidos pelo crescimento da população e do consumo dos bens naturais têm sido danosos para o planeta, provocando, além da acumulação na atmosfera dos gases de efeito estufa (GEE), outras consequências negativas que culminaram nas mudanças climáticas, alterando todo o ecossistema planetário.

Mesmo sentindo na pele as consequências dessas mudanças bruscas, como temperaturas altíssimas, degelo, furacões, inundações e outros efeitos desastrosos, boa parte da humanidade ainda não se deu conta de que as alterações são irreversíveis a curto prazo e há pouco o que possamos fazer sem uma alteração radical e mundial dos costumes.

O desmatamento contínuo, a uma taxa de 13 milhões de hectares por ano, assim como a perda da biodiversidade, em que mais de 35 mil espécies estão em risco de extinção, faz desse antropoceno uma era de grandes desafios e que pode pôr fim à epopeia da breve existência da espécie humana sobre o planeta.

### » A frase que foi pronunciada

“Enquanto o homem continuar a ser destruidor impiedoso dos seres animados dos planos inferiores, não conhecerá a saúde nem a paz. Enquanto os homens massacrarem os animais, eles se matarão uns aos outros. Aquele que semeia a morte e o sofrimento não pode colher a alegria e o amor.”

Pitágoras

### Em tempo

» Faixas de pedestres, bocas de lobo, pinturas no asfalto, semáforos, árvores podadas, morros de contenção de água e tudo o que for necessário fazer para enfrentar a chuva que já vai chegar

### Dinheiro fácil

» A diferença cobrada em estacionamentos em Brasília chega a ser um escândalo. No Centro Clínico Lucio Costa, 610/11 Sul, em 10 minutos cravados de estacionamento, o valor pago foi de R\$ 9,50. No Centro Clínico Linea Vitta, na 616 Sul, há um espaço de 15 minutos de tolerância, ou seja, R\$ 0 por 15 minutos.

### » História de Brasília

O tapume do Ministério da Marinha, na W3, está irregular. Está tomando o passeio, quando não havia necessidade disto, e põe em perigo a vida dos pedestres. (Publicada em 18/4/1962)

## Um bem precioso

» MARCELO RECH  
Presidente executivo da Associação Nacional de Jornais (ANJ)

Você já refletiu por que dedica atenção a um conteúdo — seja de caráter jornalístico ou de entretenimento? O que prende sua atenção? O que a desvia? Quando você se conecta e se desconecta de um conteúdo? E por quê?

Todas essas perguntas têm relação com um dos bens mais preciosos de nossa era: o tempo. A tecnologia pode avançar sem limites, com inteligência artificial, 5G, 8k ou 1.000 mega de internet, mas tudo esbarra num simples e imutável fato da vida: as 24 horas do dia não são elásticas, não ao menos sem comprometer a saúde. Então, é melhor que esse bem precioso seja despendido em algo que faça sentido em sua vida e a transforme positivamente, bem como a sociedade de uma forma geral.

Tais reflexões se tornaram cruciais para o modo de vida que teremos daqui para a frente. Não é apenas a separação entre verdade e mentira, realidade e fantasia, que definirá o resto de nosso século, mas o que ela significa em termos práticos nas nossas vidas: a escolha entre democracias versus autocracias, populismo versus sinceridade, estabilidade versus desarmonia social.

A imprensa não é a solução para todos os dilemas de nossos tempos, mas tente

imaginar um mundo sem ela. Quem faria a depuração entre fatos e rumores? Como confiar em algo ou alguma instituição se não houvesse um certificado de credibilidade conferido por uma cobertura jornalística séria e independente? Quem noticiaria o surgimento de um novo golpe cibernético nos quais pessoas perdem suas economias? Quem investigaria corrupção e outros delitos quando os órgãos governamentais se mostram lentos ou negligentes? Quem traria das mazelas das big techs e dos riscos que as redes sociais impõem para a estabilidade emocional, política e econômica? Finalmente, quem exporia o poder de corruptos e autocratas e as ameaças às democracias?

Como usar adequadamente o seu tempo ao se informar deveria ser uma pergunta a nos fazermos constantemente, seja para não cairmos nas armadilhas do engajamento de plataformas tecnológicas, seja para não desperdiçarmos nossa curiosidade com montanhas de inutilidades e futilidades.

Os produtores de jornalismo independente não são imunes a problemas, a começar pela sustentabilidade da atividade. Com algumas poucas exceções, a imensa maioria dos veículos sobrevive com um modelo de negócios que sofre com a assimetria

regulatória das plataformas de tecnologia. Por estarem baseados na confiança, nenhum veículo também sobrevive abrindo mão da ética ou tornando elásticos seus conceitos de veracidade e responsabilidade na divulgação de conteúdos, como fazem as big techs.

De uma forma sintética, pode-se fazer uma analogia do fenômeno das big techs com o aquecimento global. Em seus modelos de negócios, as grandes plataformas produzem como efeito colateral uma poluição social que ameaça a sanidade mental e a estabilidade do planeta. Nada mais justo, portanto, que essas plataformas paguem uma taxa de sustentação do jornalismo profissional, que faz a limpeza de grande parte dessa poluição social. A lógica é simples: quem suja o ecossistema deve pagar pelo menos uma parte a quem limpa.

Essa pode ser a maior contribuição das big techs para o futuro do planeta: impedir, por meio do financiamento de um jornalismo diversificado, robusto e independente, que a humanidade siga marchando para o abismo, e nos levando juntos na esteira de credices, charlatães e vigaristas variados que souberam tirar proveito das brechas abertas pelo universo dos algoritmos.